

A GREVE

A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores

KARL MARX

ANNO I

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GONÇALVES DIAS, 67, 2º ANDAR

Doc. Geschiedenis
Amsterdam

NUM. 8

RIO DE JANEIRO, 15 DE AGOSTO DE 1903

Importantissimo

Convidamos aos companheiros para uma reunião que se effectuará quarta-feira, 19 do corrente, ás 7 horas da noite, na sede da Liga dos Artistas Alfaiates, á rua de S. Pedro n. 144. Nesta reunião tratar-se-á dos meios mais proficuos para se levar a effecto a publicação d'A Grece, semanalmente.

Domingo, 16 do corrente, haverá conferencia publica em Villa-Isabel, rua Theodor da Silva n. 22. Pede-se aos companheiros que estejam presentes, o mais tardar, ás 2 1/2 horas da tarde.

Rogamos mais uma vez aos companheiros, que atendam ao nosso novo endereço. Qualquer correspondencia de caracter pessoal, deve ser dirigida a Panalipio da Fonseca, rua Gonçalves Dias, 67, 2º andar.

A SOLIDARIEDADE

Esta é a força motora de toda transformação social. A psicologia nos demonstra que as mais belas instituições que a humanidade ha conhecido no desenvolver glorioso da historia, derivam da mesma fonte, inesgotavel de estimulo e para a luta, onde elle tem sua origem. E como pela analyse critica dos fenomenos emotivos, se vê, é um sentimento real, altamente egotico.

Dahi talvez, uma certa confusão ainda hoje manifestada por alguns espiritos sófregos e muito facéis de se deixar dirigir pelas primeiras impressões, sem o menor escrúpulo, victimas inconscientes da neurose de novidade, que faz o homem viver num clima de ideias contraditórias. A intima relação existente entre as varias manifestações sentimentaes, contribue em grande parte para o facto de haver quem, notando alguma analogia da piedade para com a solidariedade, queira dar a esta o caracter daquella, emprestando-lhe a feição humilhante de esmola.

Aqui repete-se o erro que já cometera Augusto Comte, na sua filosofia, tomando a pela famosa caridade christã, e, por isso, criando para uns dos seus discipulos um altruismo mystico-scientifico. Também um erro semelhante, embora noutros dominios, cahiram Darwin, o adepto da sua celebre theoria da luta pela vida; e multissimos outros casos se deram de igual natureza.

Mas, por felicidade, na hypothese actual, o erro não envolve o menor perigo, porquanto não tem para fortalece-lo a autoridade scientifica de um Darwin, dum Comte, dum Spencer. Apenas o sustentam o maquiavelismo dos filosofos burguezes e a pretensão doutrinarista d'alguns ignorantes ou, por mera bizarrria litteraria, certos escriptores paradoxes.

Entretanto não é isso razão bastante para que não dignemos nós sobre o assunto.

Sobre fundar-se na sympathia dos sentimentos, a solidariedade é uma evidente manifestação do despertar do individuo, da consciencia do seu lugar no seio da humanidade. Desenvolve-se pouco a pouco na evolução inconsciente dos instintos, elle teve naturalmente de revestir outras formas antes de atingir o estado de puro sentimento. Esta variabilidade de formas, porém, simplesmente serve para comprovar que na sua qualidade de fenomeno moral, a solidariedade não podia fugir á lei da transformação; os seus diferentes estados de formação, haviam forçosamente de corresponder a outras tantas ideias a seu respeito, as quaes uma vez systematizadas gisavam a concepção geral duma doutrina ou duma epocha.

Foi assim que o catolicismo chamou a piedade e atribuiu-lhe origem divina; mas a critica profunda de Spencer demonstrou a falsidade de tal conceito, destruindo a qui uera da virtude theologal para no seu lugar erguer a sua theoria do ego altruismo.

Conforme a opinião do filosofo inglez, a piedade se reduz ao tenor que experimenta o individuo deante dum sofrimento de que elle não está imune. Desta forma, o individuo que dá esmola ao mendigo é levado á pratica deste acto pela reflexão no seu espirito do espectáculo da indigência, de que intionalmente não se julga isento. Não é por tanto, a esmola uma prova de generosidade, como querem fazer crer os defensores da caridade; mas, nem por isso, a esmola perde o seu caracter irritante de empoutradura social. A conclusão de Spencer, conquanto muito se alelante sobre as demais conclusões, não podia deixar de participar dos prejuizos da sua orientação geral. Na sua qualidade de adepto das desigualdades sociais, como economista burguez, elle se limitou a filosofar de accordo com o estabelecido.

Só um espirito liberto de todos os preconceitos, poderia, tomando dos seus proprios argumentos o valor total e seguindo até o fim a mesma corrente de raciocínios, chegar a estabelecer que a piedade, em si, representa uma perversão infame do instinto fraternal que deve ligar, no futuro, toda a especie humana no elo vigoroso de solidariedade para a conquista da vida feliz.

Ser caridoso é ser tyrota, porque é julgar uma prova de superioridade, um favor para com o semelhante, o que apenas representa um impulso natural, um dever para com a especie em troca dos direitos que a especie n. outorga. Pensar aligum que é livre de contribuir ou não com o seu contingente de esforços para que seja reparada uma injuncta social, é denotar uma deporavel falta de compreensão dos seus direitos, sancionando as injustiças de que vem sendo victima a humanidade; e se todos os males que affligem os homens são filhos da actual sociedade, como se pôde coligir generosidade dum sentimento que unicamente nasce dum desejo natural de reparação?

E a caridade tem por base a piedade, isto é a presunção de que as pessoas pobres, ou não, se compadecem dos males do proximo.

Mas esta ideia de compaixão, sobre falsa é irritante, o homem que en-breca á sua origem não aceita como honra um titulo que lhe prescreve o opprobrio, por meio duma desigualdade imposta a poder de infamias.

Si a solidariedade promanasse da compaixão, seria uma injuria tanto para os que fossem della objecto como para os que a prestassem presumindo fazer uma merced quando nada mais faziam, que se limitar ao cumprimento de um dever involuvel pelas consciencias rectas.

E preciso não esquecer que todos os progressos realizados na superficie da terra, é obra da colectividade; e neste caso ninguém pôde honestamente se locupletar dos beneficios sem partilhar dos pezares na medida das suas forças.

Por conseguinte, solidariedade não se pelee como esmola, ainda que se o como direito, ninguem que é livre de fugir ao dever do pistal, a, é mostrar-se ign-nante ou baixamente egotista, despois dos attributos de ser moral. Assim o ensina a razão. No estudo calmo dos factos, o analysa observa que o espectaculo duma injusta desperta no homem justo a necessidade de reparar a; e que este fenomeno, que uma erronea interpretação das leis naturaes capitula em piedade, quando a especie latina estiver fraternizada, pelo sentimento da origem com um, esclarecido, pela consciencia do destino igual, se chamará SOLIDARIEDADE.

A indifferença pelos males dos nossos semelhantes não revela dureza de coração, sendo perversão da intelligencia, C. ARENAL

O GOVERNO E A DESORDEN

Mas, porque é preciso a autoridade, o Governo, o Estado? Ninguém os seus Actos e o principio como a religião imposta pela fé. Os partidários do todo governo, estão na creença de que a missão do Estado é proteger ao homem honrado e enlaidar pela sua segurança. Enganam-se como todos. O homem honrado tem que guardar da autoridade como da peste. Defend-o ao governo porque o estimam sinceramente. Que pisa o leitor na protecção que o Estado tem lhe dado. Muitos pensam, e não se dá conta, que se não favorecidos justamente pelo Estado; pelo contrario, o governo protege aos piores, postergando meritos positivos. Si o Estado mette-se na instrução, é para coartar e nomear professores de seu repositório. O mesmo podemos dizer da magistratura. A independência da justiça é uma das tantas mentiras convencionaes. O ministério assume os poderes todos e influencia de facto que elle quer. Para que serve pois o governo? Não serve mais do que para manifestar a sua influencia em bens ou em mal da equidade conforme o peca um homem de bem ou um criminal. Um juiz não é mais do que um criado do ministro e do presidente do tribunal, estes são os seus funcionarios do Estado; as ordens são os males do ministério. Não ha justiça nem autoridade independente; logo que o espirito de bondade move tudo nas e-fôrças da autoridade alta e baixa não procura nella amparo nem protecção alguma.

E' por isto má o homem? Não; como não tem a vida assegurada pôe-se ao serviço de quem mais e melhor pôle protegel-o. Os homens que representam autoridade não podem ser uma excepção desta regra. As mesmas leis economicas que aparentemente fazem o necessário o pôe-se para evitar o crime, para impedir o roubo, que não evitam nem impedem, não obstante, fazem que o Poder não possa preencher a sua missão. O homem rouba e mata para assegurar uma vida que a sociedade nega se a dar-lhe e a autoridade obedece ás exigências do Poder pela mesma lei social que o homem rouba e mata. A pratica os factos fallam mais claro que a multa penaa. Quem teve relações com a autoridade de dever observação que certo vultuaria dito. Em l-m da nação, da colectividade; que tem feito o Poder? Que maravilha tem inventado?

O para-raios, a gravitação, a microbiologia, a vida celular, a circulação do sangue, a electricidade, o vapor, a multiplicidade dos mundos, o systema solar, o peso do ar, a leosola?... Certamente que não. Quando aquillo foi descoberto, não protegen pouco nem muito aos seus inventores. Pelo contrario, o inventor teve que pagar ao Estado um imposto crescidissimo si desejava continuar os trabalhos.

As obras do Poder, do Governo, do Estado, que compõem esses nomes reveste-se para o nosso mal palmo natar-se. Fez do raio uma manifestação da ira de Deus; da Terra um mundo unico; da esfera terrestre uma superficie plana e depois parou o sol quando este dava volta em redor da Terra.

Felício Urates.

(Tradução de Fernão Crespo)

Actualmente o povo não se rebela porque vota.

BLANC

A GREVE SEMANAL

Não é esta uma ideia quimerica, nem tampouco uma pretensão absurda. A necessidade duma periodico exclusivamente dedicado aos assuntos inherentes a defesa e instrução do trabalhador, o qual passa no momento oportuno pronunciar sobre os conflitos que se forem suscitando nos diversos ramos do trabalho, coisa é que ninguém seriamente o contestará. Que seja "A Grece" o jornal destinado a desempenhar este papel importante na luta pela transformação economica da sociedade, no Brasil prova eloquentemente o auspicioo trabalho com fimos scollidos e o constant apoio qntos temos recebido não só d'aqui como dos Estados e do exterior, onde contamos amigos sinceros e dedicados; neste curto espaço de tempo, já tivemos a ocasião de verificar que enquanto trilharmos a estrada que até hoje temos palmilhado, não seremos desamparados pelos operarios conscientes, cujo interesse supremo é a defesa da sua liberdade e a conquista dos seus direitos. Todos elles estão ao nosso lado, prontos para, cónsuo dar batalha á exploração do homem pelo homem. E procedimento diverso não era de esperar, por quanto todas as suas energias pizomul-as ao serviço da emancipação do operario, que será a nossa propria emancipação, e do dia em que fossemos forçados a transigrir deante das difficuldades, preferiamos suculumbir dignamente na luta. Pretensões de ordem politica ou de especie semelhante, sabem quantos cónsuo privam em comprehendem as ideias fundametaes do nosso programa que não temos, nem de forma alguma as p deriamos ter.

Não é mysterio que reputamos a politica uma doença moral da qual deve fugir o trabalhador, como duma peste ou dum alysmo. Nala de duplados, ineluctantes, ou queques outros espeladores da lei e a ignorancia do povo, o operario só precisa de companheiros que ajude a combater as opressões da humanidade; nunca, porém de chefes mentores ou coisa semelhante. Assim pensamos nós e os camaradas tem o direito e o dever de pôr-lhos, em qualquer tempo, contis, si por ventura nos afastarmos dessa linha de conduta porque, então, seríamos merecedores do desprezo dos trabalhadores conscientes e dignos.

Láto posto, prezemos ao caso que mais particularmente nos interessa. Como sabemos todos, a agitação que se tem operado nestes ultimos tempos entre o operariado desta cidade, ocasionando uma série de greves successivas, demonstra que não vem longe o dia em que as situações se definirão aqui, como na Europa, entre o proletario e o burguez. Em vista disso, cumpre nos prepararmos para enfrentar o futuro scéitamento, sem a menor negligencia. Antes de tudo, precisamos nos fortalecer nella solidariedade de todo o operario.

A propaganda no seio do elemento ainda inconsciente, deve assumir um caracter de verdadeiro drama, para que todos despertem e olo quem se á estes, resolutos a enfrentar o inimigo. Neste caso nada ha que possa prestar melhores serviços que o jornal, posto não seja o unico recurso de que nos decidamos servir para atingir o nosso fim; também deve haver conferencias, associações, palestras, etc. Mas a tudo isso o jornal facilitará; além do que se oferecem occasões em que a falta de publicidade acarreta sérios prejuizos, pois o silencio durante margem a comentários disparatados occasiões, muita vez, intrigas finestas.

A imprensa burguez, na sua qualidade de emissora hostil, não pôde inspirar a menor confiança. O seu lugar será forçosamente ao lado da burguezia; e quando a luta reveste-se dum caracter mais ferivel, nem as pequenas concessões que alguns diarios ainda hoje fazem ao proletariado, a troco de inumeros proventos para seus cofres serios bidades. Depois, não ha a menor vantagem em trazer questões operarias para uma imprensa que desde a primeira á ultima pagina só se occupa de insultos contrarios á emancipação do trabalhador, e cuja prosperidade funda-se na mais torpe das especulações.

E' deante destes raciocínios que aparece a ideia dum periodico operario, que synthetizando as legítimas aspirações do trabalhador, o ponha em actual correspondência, relatando no menor prazo possível tudo quanto se passa nos diversos centros.

Uma semana de intervalo é um grande intervalo; porém muito se poderá fazer desde que haja boa vontade da parte de todos os companheiros, que esperarmos se encarregado de pôr-nos ao corrente de tudo quanto se passar pelas officinas, pelas fabricas, enfim, pelos estabelecimentos industriaes e commerciaes, para que possamos a tempo dar-lhe o justo conto.

As sociedades operarias também poderão anunciar suas sessões, referir o movimento que houver mistar ser divulgado.

Tudo isso se reduz a uma simples questão de boa vontade e compreensão do nosso verdadeiro papel no seio da sociedade.

Pelo menos, assim pensamos nós; e aos companheiros cumpre dizer se temos razão atendendo ao nosso papel. Em caso contrario veremos que nos enganavamos e sem o menor resentimento continuaremos a cumprir o nosso dever, qual temos feito até aqui, modesta mas lealmente.

Na hypothese d'A Grece passar a ser publicada todos os sabados, necesserão, como é natural, os gastos, pois falem de ser preciso ocorrer ás despesas de quatro a cinco annos, em vez de dois, adicirão outras despesas inevitáveis. Mas isto não terá novos gravames ao que hoje nos apiam, se tomarmos todos a seu cargo fazerem propaganda no sentido de aumentarmos a tiragem.

Para o fim de tornar mais facil esta propaganda, acciaremos assignaturas, pela maneira seguinte: anno, 58; seis mezes, 38; tres mezes, 18\$50 e um mez, 500 réis.

Além disso exportamos o nosso periodico á venda a avulso em todas as agencias de jornaes desta cidade.

Aos companheiros dos Estados e do exterior confiamos a iniciativa de auxiliar-nos da maneira que lhes parecer mais razavel, na certeza de que para com aquelles que até hoje nos têm fortalecido não haverá a menor alteração, a não ser as estas mesmas pessoas reclamem. E sobretudo, não vem esquecer que A Grece só pôde e só deve contar com o apoio do operariado em geral e dos camaradas em particular.

D'outra firma preferiamos a sua morte ao maior dos triumphos. Seremos exclusivistas dentro dos amplos limites da mais franca e sincera fraternidade proletaria.

Também temos necessidade de correspondentes litterarios em todas as localidades do Brasil e do exterior, os quaes nos ponham ao corrente de todos os acontecimentos locais.

Os companheiros que se julgarem nas condições de tomar a seu cargo estes postos de sacrificios, podem desde logo mandar-nos correspondencias. Apenas pedimos sejam o menos proximo possível.

Estas correspondencias poderão ser escriptas em qualquer das linguas latinas; porém, se forem na portuguez será muito melhor, porque nos evitara o trabalho de tradução; e muitos são os afazeres de que estamos sobrecarregados.

Pelo grupo editor — Panalipio da Fonseca.

SAN PAULO

O PROGRESSO MATERIAL E' FRUTO DA ESCRAVIDADE

Privado de seus direitos legitimos aos bens naturaes e collocado na obrigação de adquiri-los a troco de uma soma de trabalho determinada, o homem, imposta, o homem teve que escolher a industria mais compativel com suas facilidades. Estando ligada sua existência á existencia á medida de sua produção, se dedicou ao estudo dum trabalho unico, a adquirir a destreza de mão e não vision em seguida mais que um resultado — a execução rapida.

Portanto, sua função se tem feito mecânica, seus movimentos uniformes, sua postura sempre a mesma. Estando submetido á actividade certos musculos, enquanto que outros conservavam a inmolidade completa, o vigor se concentrava nos órgãos activos com detrimento dos outros. O equilibrio das forças corporaes, ficava por conseguinte, quebrado.

O corpo humano, tão vario em suas partes e cuja estrutura está tão maravilhosamente ordenada pôde ser submetido á diversidade de posturas, de movimentos, de actos; porém sem postura prolongada, porque d'outra sorte se produzem desordens, tais como o desvio da columna vertebral e nos espartilheiros e nos sirgoiros, o desenvolvimento monstruoso das vias intestinaes, nos empregados em obreiros constantemente sentados, os calambros intus nos sapateiros, alfaiates, escriptores, etc.

Não somente cada profissão é susceptível de desordens patológicas, ainda que ha outras que são imediatamente perigosas ao ponto de que o mais elementar sentimento de humanidade deveria proibir a pratica; tal a fabricação do alvalde e do outro mil produtos que necessitam o emprego de materias cujo contacto não pôde suportar o organismo. Custear-se-á com as *condições do progresso*, muito bem! Entretanto ha muitas coisas chamadas do progresso que não são de nenhum modo *necessárias*. E si a degradação do corpo humano é a condição de embellezamento da materia, se pergunta onde está o progresso.

Seria interessante saber o que pensa disto o individuo obrigado pela fome a execução dum produto não indispensavel e que vê gritarem-se-lhe os pés; cahirem-lhe os cabelos, os dentes as unhas; carearem se-lhe os dentes, os ossos; enfraquecer-se-lhe os pulmões, corromper-se-lhe o sangue, quando experimenta todas as angustias da debilidade e do aniquilamento do seu ser.

Si os que não põem prescindir do progresso estabelecido a este preço tivessem que excentuar, elle mesmos, não ha duvida que de pronto o abominariam.

Precisamente, em razão dos seus lados perigosos, perniciosos e enojosos é que o chamado progresso não tem por architectos, alioes ou delegados, despois dos direitos natural de cada e de cada e submetidos agora a lei do labor pela vida.

Certamente, o homem está constituido para a actividade, que sobretudo lhe é saudavel. Está no caso de mover-se para prover ás suas necessidades. No seu estado natural, caza, prepara, seu abrigo, confecciona seus trajes, suas armas, entrega-se nas exercicios de força e habilidade, e isto lhe é uma conveniente gymnastica; mas dahi á função industrial ha que convier em que existe uma grande distancia.

Isto é de tal modo evidente, que t o individuo segundo de sua alimentação, de seu alojamento e de seu traje, é absolutamente desconectado na mina, na fabrica ou na goiada.

Citar-se-á constantemente o exemplo de Luiz XVI, serralleiro; porém si este monarca para obter metal que fôr necessário para fazer extrahido, elle mesmo, da mina, fundiu o ferro e fez-o em barras, decerto se contentaria com fazer cestas.

"A Humanidade busca a felicidade, isto é — a Armonia."

O ser humano tão perfeitamente constituido e tão bem satisfeito em suas necessidades pela fôrça da terra, livre de enojadas materias não tem aspirações sinão para a al-guia. E pôde deslizar como a segurança de possuir a e de sentir a constantemente se não aparta do meio favoravel em que a Natureza o criou.

Agora pôde comprovar o que lhe custa a haver que *corrigir* a obra de sua produtora, e com a medição do sólo o haver comprometido a ordem estabelecida por largos seculos de formação.

Havendo desorganizado o regime do ar e das aguas, torna a ver o primitivo aspe-to da natureza de novo e terra pela impiedade frequente e o desmoronamento das montanhas; vê, ser, seu corpo, separado de sua situação normal, ainda que animado pelo fluido vital, se descompõe, e sua carne expulsa, reconstituída, as substancias minerais originaes.

Porém o mal não é irreparavel, porque a Natureza, essa força superior, corrigirá sua obra errada e reparadora, e a terra recobrirá de pronto seu aspecto maravilhoso si o homem quizer reconhecer sua presunção e cessasse de contrariar a marcha regular da produção.

E. Grutelle.

Enquanto houver no mundo um individuo que padecer fome, a sociedade e um milhão de miseráveis.

Fraternisação operaria

UMA ACOMETIMENTO GRANDIOSO

Bela, grandemente bela, foi a attitude, assumida sexta-feira, 7 do corrente, pelos operários das fabricas de tecidos desta cidade. Uma satisfação imensa enchia os olhos por vermos que a existência do proletário já começa a despertar nesta parte da America do Sul, forma digna, tão profundamente revolucionaria, que decerto terá influído no mundo inteiro como uma nota vibrante da nossa capacidade para as lutas providenciaes.

Não ha negar; o operário no Rio de Janeiro vive hoje coligado pela reciprocidade do affeto e fortalecido pela coragem invencivel que a consciência dos seus direitos gera no homem, impellido-o ás resistencias vigorosas. A mobilidade que alguns mezes antes se deixaria entibiar ante o revellido desastre, agora entra em plena posse da sua fôrça, despois a enfrentar todos os obstaculos, impavida e serena, reclamando justiça, em a tenacidade do expoliado que trabalha pela reivindicação humana. Em face de acontecimentos taes, como os de que nos vamos occupar, vê-se claramente, positivamente, que a solidariedade operaria, no Rio de Janeiro, já não é mais uma utopia sinão a mais deslumbrante realidade.

Um operário morreu na noite de tecidos Aliança, vítima dum desastre; immediatamente os companheiros fizeram constar á directoria que não estavam dispostos a permitir a trabalho até que o morto fosse enterado. Subseguente desta resolução, a directoria deu ordem de parar a fabrica. Em seguida os operários constituíram-se em diferentes comissões, que se entenderam com os proprietarios dos estabelecimentos congeneres. O resultado das conferencias, foi pararem no mesmo tempo todas as grandes fabricas de tecidos desta cidade,

isto é, as fabricas Aliança, Cari-ca, Confiança e Cruzeiro; a Convoação não parou porque o gerente deu ordem para que nassem todos os operários, sob o pretexto de que os operários não tinham de setenta e poucos operários para acompanhar o feto.

A ENCORPORACÃO DO PRESTÍTO

Não podia ser mais confortante o espectáculo que apresentava a chegada dos companheiros dos outros lares ao local onde se achava o espíto. Os operários da "Cari-ca" e "Cruzeiro", foram a pé, atravessando o morro do Mundo Novo. Era dum effeto belissimo a vista da enorme collina que vinham formados, nos trajes de trabalho, na ocasião da descida.

Numa apoteose sublime desceiam todos os quasi impraticavel morro, acenando, recebendo pelas alacrias da multidão, que em meio da rua das Laranjeiras os contemplava distanciado. Pouco depois apontavam pela travessa rua os operários da "Confiança" e "Cruzeiro". Vinham numa enorme massa compacta, que marchava firme, segura, como uma legião de luteadores invictos. O entusiasmo causado por estes dois factos, atingiu ao delirio. Houve quem se lambor de deitar a pé, por um grido de viva a fraternisação do proletariado universal, e uma extraordinaria assembléa repetitiva, num ribombante de tempestade que estalou.

Entretanto, durante toda a tarde, até ás 12 horas, chegaram comissões de moças conduzindo grinaldas, e muitos operários que, sem pertencer á fabrica, iam fraternizar com os companheiros. "O mesmo período que foi avisado do que pretendiam fazer os operários da "Aliança", com o enterramento, por uma comissão especial, como as que se encontravam com as diversas fabricas, esteve representado por todo o corpo edito.

O PRESTÍTO

Seriam ás 12 horas da tarde, quando se reflectiu o sentimento. Eram em presença no local, para mais de treze mil operários, entre honras e militares. O prestíto foi organizado pela mancha seguinte:

A) fronte iam as operarias, conduzindo as grinaldas; depois o espíto, carregado á mão, por seus operários; depois a multidão que enchia a rua como um oceano. Estavam todos com os trajes de trabalho, e os seus semblantes notavam um desprezo completo por t das as praxes ridiculas que são apagação dos indios e das pyrritas.

Ainda popular prosseguiu a vagarosa e lenta, com a firmeza impetuosa de quem está disposto a cumprir o seu dever, e isto o que custa, a despeito de todas as chafas e de todas as aggressões insidiosas. E de facto, foi assim precisamente o que aconteceu. Por duas vezes houve necessidade de mostrar que os que iam ali, de forma alguma recuavam da rota que as suas consciências lhes traçara.

Mas, como a esse respeito, quí, fuscamos acedidos de parvas na narração dos successos lamentaveis que se deram, não por culpa dos operários, mas sim, provocados por aqueles que nada respeitaram, ainda os actos os mais solenes, e de tudo se apropriaram para de mostrar a sua propria desmoralisação; e o modo de vida ás alindadas que nos ligam aos que formavam o prestíto, poderiam alguns dizer-nos injustos, damos neste assumo a palavra ao *Jornal do Brasil*, que, aparte alguns enganos de pouco valor, reflecta a verdade.

OS CONFLICTOS

Eis o que escreveu o *Jornal do Brasil*, de 8 do corrente, a este respeito:

"A ás 12 horas da tarde effectou-se o salimto, sendo fôrça, que estava a coberto de muitas grinaldas, conduzida a mão."

Formavam o prestíto todos os operários da "Aliança", homens e senhoras, e comissões representando as demais fabricas congeneres.

As 6.14 horas da tarde, sem saber ao certo, de momento, qual o motivo, foram desparados da cidade, em cortas e pelões que se formavam, muitas fôrças de repressão.

Imaginamos a confusão que se estabeleceu. O caixão mortuário fô delatado por terra, ficando alambado (apoiado e engano). Os operários gritavam, desmaiavam unhas, outras fogiam em varias direções. Dos operários que formavam o cortejo, uns procuravam estabelecer a ordem, enquanto que outros repeliavam valentemente a aggressão.

Estabeleceu-se então o panico em toda a rua e nos que lhe foram adjacentes.

Travou-se forte tiroteio: em meio do conflito brillaram as baionetas de aladas facas e navallas. Quatre praças de cavallaria, de tula na rua das Laranjeiras, correram para o centro do movimento, e procuraram acalmar os exaltados e contencidos.

Foram recedidas á bala. O cavallão n. 29, do 2º esquadra, montado pelo cabo de esquadra n. 28, do dito esquadra, fô baleado em p uma travessa direita e esmagado na area, de mesmo lado.

O cavallo e os seus tres camaradas receberam ferimentos leves nas mãos e pernas.

Vendo a impossibilidade de resistir ao avultado numero de exaltados, e já ferido, tendo o cavallo e o cavallão baleado, regressaram os quatro cavallões á dispersão para a 17ª delegacia, á rua Barão de Guaratiba, e relataram o occorrido ao inspector Lacerda, ali de serviço.

Apella autoridade communicou logo o facto ao dr. Vacina Braga, delegado respectivo, que partiu para o local acompanhado dos inspectores Alarico, Costa e Quintanilha, e de praças, requisitando logo da brigada policial uma fôrça de infantaria e outra de cavallaria.

Chegada a pedras fôrças, composta de 30 praças a primeira e de 25 a segunda, reforçadas com 14 praças de cavallaria, em serviço de pella delegacia, acudiram os animos, seguindo o prestíto fôrça pela o centro.

Não chegaram a effectuar pios.

As praças a cortejo á praça do Botafogo, em frente a rua Marquez de Albuquerque, novo desguisado de de.

Tudo deo da sciencia a notoriedade da 17ª delegacia, para fô seguiram, e quando o prestíto chegou á da 18ª, ali o prestíto fôrça com a chegada rapida, porque continha a multidão de quem quer que seja, em não funcionar o telepho, ha muito collocado na sede da 18ª delegacia.

Patrolhas dobradas de cavallaria rondam toda a noite da 17ª delegacia.

Fôram também feridos por uma esquadra na calçada o cavallão n. 28, da 4ª esquadra da 3ª brigada de policia, Pedro Ribeiro de Campos, que estava por ter recebido um tiro no peito, dado por um dos animos montados por seus camaradas.

NO CEMITERIO

Eram mais ou menos oito horas da noite quando o prestíto chegou ao cemiterio. Em vista de não ser possível o enterramento, pelo adiantado da hora, fô o corpo recolhido adepsto, para enterrar-se no dia seguinte.

Antes, porém, disto effectuar-se, osseia da praça de treze mil companheiros, que fizera a salutar a importância do acto.

Recolhido depois o feto, ao deposito, o prestíto de operários aos seus lares, quasi todos a pé, por não terem não usarem dos bondes extraordinarios que a companhia Jardim Botânico mandou ao local.

Poi, não ha contestação, um acontecimento que fôrça para a historia das lutas operarias.

O HOMEM

Os direitos naturaes e judiciais

(Conclui-se)

Ollat: o condenado á pena de morte atraiado ao despozo social, foi o expulso pelo estado do alga.

Como o homem tornou invencivel. Sobre quem regeções offitas da pena de morte? Sobre o justiciao? Não é um cadaver, e um cadaver não pôde ser objeto de penas, porque não tem necessidade de não pôde ser satisfactor.

Quem sofre então os offitos da pena de morte?

O condenado deixa neste vida sua familia intacta, que fôrça, e toda parte busca inutilmente ao pae, que era o pao de seu corpo, e de sua alma. Quer-se saber quantas especies de males impõem as leis da burguezia a esta familia inocente? Impõem penas fisicas e moraes; tula no pae um apoio laico e espiritual, e a lei os arrebatou para sempre. Para esta familia foram todos os offitos da pena de morte. E onde estão as causas de tanta morte? Na pena de morte aplicada a um criminoso. E porque cometeu elle o crime?

Al! As leis das sociedades privilegiadas foram sangue: não ha sequer uma que não obrigue ao delicto e ao crime. Sinão, dozi que leis os instituições (isto é) leis das sociedades privilegiadas? As leis das sociedades privilegiadas, com suas criminosas excoções e com seus infames embustes, fazem ao homem escravo de sua ignorancia e de sua miséria. Sabi, governos autoritarios e despozes, o que são ignorancia e miséria?

As sociedades eslavas da vagabundagem, da mendicância, da prostituição, do roubo, do assassinio, que fôrça, de Al! Contradição horrivel monstruosa! A lei que cria o crime, logo o persegue e castiga o assassinando o *offito: cule ao ser que o comete*. Queréis maior injustiça? Desjá ainda mais a lei? Pois ainda tem um cadaver que o queime e arre-lo ao vento sem encaixar.

E tal, porém, ainda, fôrças humanas; e continua nos desmoralizando vossas infelizes justicias.

A lei que a natureza impoz precemente ao homem, era a de "viver, trabalhar, nutrir, sentir, querer, elger, nutrir-se e associar-se livremente" a seus irmãos para todos os fins racionais da vida; e a lei, que devia respectar e garantir nolle todos estes direitos, que fôrça?

Sua intelligencia entula para pensar, si a coragem para sentir e sua vontade para realizar o que pensa e sente estas tres fôrças productoras foram esterilizadas pela fôrça de meios de instrução e trabalho. Si não se pôde instruir para alimentar seu corpo, e si ignorante e miservel e obedecendo unicamente á fôrça social contra a consciencia dos seus direitos, fôrça, porque o trabalho? Para que o crearem e o prestio? As sociedades do crime, que pdem esperar além do mesmo crime?

A natureza que fez livre sua consciencia, tão livre quanto a marcha dos astros que giram pelo firmamento, fôrça fôrça pelas leis que a impossibilitam de cumprir seus direitos e deves a toda nega do bem.

Fôz, apes, alguma coisa a lei para humanar sua consciencia, escrevendo pelas trevas sciencias? Que meios lhe proporem para facilitar seu livre exercicio e desenvolvimento?

Ollat: o homem livre em sua consciencia que fôrça o podesse e em sua liberdade de todos os fins da vida, porque as leis da sociedade não são mais que diversos modos pelos quaes a consciencia se manifesta, realzando os diferentes fins da vida que em seu conjunto constituem o fim humano. Não tem presente que a liberdade social para não estar constantemente ameaçada de sérias commoções

deve ser robustecida pela liberdade moral ou da consciencia, que transmite á sociedade todo o bem ou o mal nella contido.

Não quer revulver que a desordem exterior é effecto da desordem interior, que esta é a causa de aquella que, por tanto, a base de toda a ordem social e politica reside no interior do homem, em sua consciencia, dirigido e animando a liberdade e estabelecendo a ordem, a harmonia nas determinações individuais e nas relações sociais?

Centralizar a instrução é privilegiar-a, perpetuando a ignorancia e a miséria.

Si a lei estabelece o principio do mal, porque se queixa das suas legítimas consequências da desordem politica e do desequilíbrio social? A natureza fez livre a manifestação do pensamento humano em todas as suas formas distintas; a lei o sujeito ao castigo afflictivo. Ca entraves que antes lhe impozeram a ignorancia e a miséria, acrescentando-lhe penas que arguem o progresso e protestam contra a civilização. Primeiro o impossibilitam para instruir-se e depois prohibia a sua manifestação. A lei mata o pensamento humano e em seguida toma toda classe de medidas afim de que elle não ressusite.

Pode alguma imaginar tamanha injustiça? O homem que invoca contra a liberdade do pensamento não retribui a perseguição com os martyres da nova idea da emancipação humana?

A sua condição fisica e condicional, era indispensavel o direito de associação, de cujo exercicio resultam as diversas associações humanas pela lei da solidariedade, que contribue ao desenvolvimento de todos a sua vez. Que respeito não que consideração o estado da lei social, para que em sua virtude possa o homem unir as suas fôrças productoras de seus irmãos na agricultura, na industria, na sciencia e nas artes?

Insultou suas fôrças intellectuaes, fisicas e moraes no circulo de sua impotencia e com o pretexto inique de "inspiração contra a ordem publica" lhe vergastou o rosto com o laço dos poderes injurios e arbitrarios, esmagado em sangue.

A lei, que deve viver, respectando o direito de associação, todo movimento revolucionario, o provoca, legitimando-o; porque as revoluções dos povos não são mais que o exercicio do direito de legítima defesa contra as aggressões irritantes dos poderes tyrannicos, que põem em perigo seus direitos de liberdade, dignidade, honra e seu próprio direito.

Um dia aprendendo de seus irmãos na exploração social, quiz exercitar o direito que a natureza lhe concede para nutrir-se afim de manifestar as injustiças conculcas contra suas liberdades; e uma lei que desmorona a base do edificio social e afoga todo sentimento de fraternidade de humano accordo, o levou ao calabozo, seu e seu filho, que seu desejo de liberdade e seu amor ao heroismo do martyrio.

Desajando trabalhar, porque para isso a natureza o dotou de fôrças intellectuaes, fisicas e moraes, buscou trabalho para todas suas fôrças adequadas a suas apétitos e não o encontrou. Em vão seus laços se obdecedem á lei da natureza, quizeram mover-se em um trabalho que lhe proporcionasse a satisfação das necessidades mais urgentes da vida.

Inutilmente, empurrado pela fome de sua mulher e de seus filhos, bateu fortemente á porta da offisa; ninguém escutou seus gemidos, e encontrando centralizada a torma o mal dos instrumentos de trabalho; centralizada a industria, a educação, a religião, o commercio, o trafico e o credito; impossibilitado de exercer todas as suas faculdades; ferido em seus direitos; desheredado de todos os bens da terra; ignorante e miservel, exasperado por toda classe de violação, se arrojou aos braços do crime. E tonto, ralhado e assassinado.

Vendo na lei um inimigo irreconciliavel, lhe declaram guerra de morte; e nesta luta perfiada e desigual, elle fô o vencido.

Então a lei estabeleceu em uma sentença de morte em penitenciaria, sua victoria; e o condenado a morte ao fô penitenciaria que havia sido arrojado da sociedade por toda classe de aggressões e se havia degráo por degráo a esquadra em cada fôlo em as portas dum calabozo, e ante a representação de todas as fôrças coligadas contra elle, ante o escrivão, o militar e o sacerdote, entregou a sua vida, sua liberdade, insupportavel a uma sociedade cimentada na mais flagrante desigualdade das classes e dos individuos no privilegio politico, no direito social e religioso. Pois bem, o que ganhou com isso a lei?

Aumentar o numero de injustiças penais, aumentando o numero das execuções e que a sociedade obdeceda á lei fatal de sua propria e defeituosa organização, continue lutando de braços atados pelos laços de seus erros e de suas torpezas.

Em resumo: a lei, em vez de combater as causas do crime, combate seus effectos, em vez de extinguir o mal, o propaga. A lei da sociedade, contraria á lei da natureza humana e contraria, portanto, ás tendencias naturaes do homem para a realisação do bem.

E' elegada, pois, o momento oportuno a perguntar, como o homem poderá cumprir melhor a lei de sua natureza e realizar assim seu destino individual?

Fazendo com que as leis e constituições respectem e garantam todos os direitos naturaes e individuos do homem; fazendo com uma palavra, com que a sociedade seja um fiel reflexo do homem, e não esteja baseada numa organização social em cada fôlo, mudada nas leis e instituições do momento pelo ao privilegio e centralisação.

Isto é o que pede a imensa classe desafortunada: Direito, Justiça e Verdade, baseados nos grandes principios do communismo anarchico, que não se poderão ignorar aos legítimos direitos do homem.

Juan Bautista Perez.

Em Villa-Izabel

Em Nitêrov

Com a pratica de tamanhas infâmias pensam os mis-craveis fortalecer a sua tyrannia, não vendo que tanta crueldade apenas servirá para tornar mais terrivel a vingança. Que façam, pois, tudo quanto entenderem, pratiquem as maiores injustiças; mas quando se desencadear o furacão das cóleras re-presas não esperem piedade da nossa parte.

No Andarahy

Não puderam mais se conformar com isso a creanças e reclamaram para cada qual 500 réis de aumento por dia. Deante da maneira porque agiam desde o primeiro momento, a directoria achou

— A' ultima hora o conflicto assume um caracter mais sério. Os tecelões declararam-se em greve.

Nas Laranjeiras

C. C. Urbanos

As victims,

No Jardim Botânico

Pois bem, queremos saber a maneira "distinta" porque foram tratados aqueles operários e os outros imprevidentes que se achavam presentes no acto?... Não é caso para surpresa.

LIBERDADE

Povos do mundo inteiro, reparei que estamos num século de luz e de ciência, nada nos falta para a vida; e este vil meio social, dividido em pobres e ricos, senhores e escravos, não tem maior razão de ser.

Sim; com nossos prejuizos e tudo, cada d-
sonos mais. — Si bem não somos anarquistas a
verdadeiro sentido da palavra, nos temos con-
tas.

O Anjo da guarda cresce

Depois vêm os homens convencidos, abnegados, homens que trabalham sem ser *sapere-tudo* sem pensar jamais nos louros — que oferece a rotina e conduta moral que nos ensinaram os religiosos patrioteiros.

(De " El Corsario ",

Religião e militarismo

Respeitando aquela imposição disciplinar da uma lei morticida, a qual vos manda matar vos-
sos próprios pais e irmãos, sem distinção, por-
que marchais á guerra? Quando voltares a ser pais
não são sóis os mesmos? Porque não entende-
des uma vez vos recusar e dizeis livre e abertamen-
te — não! não serenos soldados para matar a
nossos semelhantes! Preferi ser anarquistas au-

